



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Fevereiro de 1998 • Ano LIV • N.º 1408
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



O chão espera novas construções. E os Pobres ansiosos por elas!

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Muitos recados

TÊM-NOS chegado muitos recados. Uns pelo correio, outros de viva voz e outros ainda pelos nossos olhos. Vamos ver alguns deles:

«Tenho assistido algumas famílias nossas vizinhas. Felizmente que nesta autarquia a Câmara mudou de cor e ouvi dizer que os novos autarcas estão virados para as obras sociais. A Conferência tem pela frente muito trabalho e penso que nos darão alguma ajuda.

Quero informá-lo sobre as famílias que devíamos ajudar:
Família do António — Os dois filhos do meio sofrem de doença incurável e para os quais foi recomendado que as condições habitacionais fossem isentas de poeira. Precisam de um quarto e casinha de banho. Só o pai trabalha e são já quatro filhos pequeninos. É uma família humilde e muito boa. Merecem bem ser ajudados.

Família da Perpétua — Fizemos um anexo ao lado dos pais. Nasceu mais um filho. Carecem, agora, de mais um quarto e casinha de banho.

Família da Rosa — A casa onde vive, com marido e filhos, foi construída por eles. O interior da mesma está só em tijolo. As paredes não estão rebocadas e não tem tecto. O marido sofre problemas de saúde. Quem olha de fora para a casa pensa que está concluída, mas quando se entra fica-se logo com o sentimento de que é húmida e foi uma vez um 'sonho sonhado' por um casal que não teve a sorte e a saúde que precisava para nela encontrarem conforto. O pai é paraplético e passa o tempo junto do lume, pois sente muito frio.»

A nossa visita

Logo que nos foi possível fomos por aí abaixo. Procurámos o casal que nos alertou e procura estar atento. Ambos

Continua na página 3

CALVÁRIO

Gratuidade

DE vez em quando a irmã Morte, impiedosa, bate-nos à porta. Ninguém lhe resiste.

O sr. Adão foi chamado hoje por ela. Os anos eram já muitos e a todo o momento era esperada a chamada.

Escolhemos roupa adequada e damo-nos ao trabalho de o vestir. Com a tarefa quase acabada, reparámos que falta o cinto. Não encontramos nenhum disponível, nas redondezas.

O Domingos, doente com paralisia cerebral, mas sempre atento a todos os acontecimentos, puxa o que tem à cintura e entrega-mo ligeiro.

— Tome este. É novo e não me faz falta.

Na verdade, pouca falta lhe faz, pois ele está sempre sentado num carro de rodas.

— Olha que vais arrependerte! — digo eu.

— Não, senhor. É de boa vontade — replica ele.

E é. Sei-o bem.

Não tenho outro remédio senão aceitá-lo.

Mas este cinto foi prenda de anos. É algo que o Domingos estimava. No entanto, desfaz-se dele com a maior facilidade porque um amigo precisa.

Tenho aprendido muito com estes doentes! Dão lições permanentes. E com coisas pequenas dão grandes lições. Hoje é uma lição de gratuidade.

Muitos dão, mas tantas vezes, bugingangas supérfluas ou dispensáveis. Do necessário, do que realmente faz falta muito dificilmente alguém se liberta em proveito dos Outros. Mas se isto não é vulgar, menos o é o dar sem esperar recompensa, nem que seja um gesto ou uma palavra de agradecimento.

E volto à natureza, a grande mestra da Vida. A natureza dá simplesmente flores, frutos, seres vivos. E não regateia dar.

Continua na página 4

África

Escrevo de Benguela

HOJE não se trata de Ecos...; a voz vai mesmo daqui. Ecos são sinais de longe, de todo e qualquer lugar aonde O GAIATO chega — presenças vivas que correspondem com inteligência e fraternidade às notícias de cá que o Jornal leva. Graças a Deus!, que à voz directa nunca faltou esta voz reflexa, voz activa e dinamizadora da resurreição e da vida nas Casas do Gaiato deste continente.

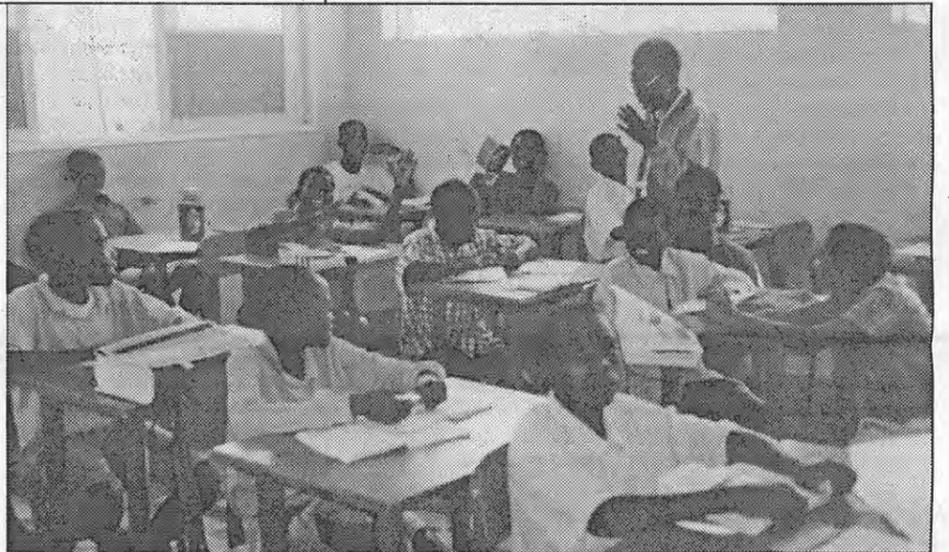
Escrevo de Benguela enquanto tomo conta dos primeiros recados que Padre Manuel António me transmite. Escrevo já para que seja ele o portador destas notas — não vão os caminhos complicar-se e eu perder a oportunidade de as fazer chegar a tempo às mãos dos dois Júlios que temos no Jornal!

O tempo não deu para muito, mas já chegou para eu me experimentar. Antes tivesse encontrado sinais felizes de renovação generalizada. Tanto na breve passagem por Luanda como aqui, não se dá conta deles — que a degradação não pára

se não for contra-atacada com energia. Mas de que eu dei conta foi da minha diferença de outras vezes em que me coube dar folga aos nossos Padres: Não, que os anos passaram!

Hoje de manhã, o grosso da Comunidade foi à Caota, como é costume aos domingos depois da Missa e dos arrumos da Casa. Pois apesar de me ter deliciado com os mergulhos dos rapazes e as suas pescarias, regressei partido e não sei se terei coragem para outra experiência. Na ausência de Padre Manuel vamos a ver quem há-de conduzir o pesado camião por essas estradas pejudas de buracos... Sendo Benguela, apesar de tudo, uma cidade das melhores conservadas, tenho medo, pois, de serem os meus sentidos a sofrer com menos optimismo as incomodidades do tempo.

O ano lectivo terminou já para a maioria nesta primeira semana de Fevereiro. Só os anos de exame terão ainda as provas na próxima semana. Tudo se atrasou com a longa greve dos professores, do que já houve alguma recuperação e a restante será, certamente, com o abreviamento das férias. Aqui em Casa a Escola toca a



todos desde a primeira à oitava classe. Vim encontrar pronto a funcionar o segundo edifício escolar; e Padre Manuel sonha com mais umas dependências complementares num edifício da Aldeia que cabe ainda no projecto global com a parte residencial. Depois, só a Capela a encerrar definitivamente aquele projecto.

Todo este esforço de escolarização tem sido partilhado pelas crianças das populações vizinhas, até agora sem qualquer oportunidade nesta área fundamental da construção do homem e da Nação. Penso

que não poderá manter-se indefinidamente esforço tão intenso. Deus queira que as Autoridades se sintam estimuladas e assumam e colaborem activamente; em vez de descansarem sobre este trabalho em que têm encontrado quem as substitua.

A Casa está cheia; em plena actividade. São cento e quarenta rapazes a quem Deus ajude a encontrar o rumo: rumo que satisfaça as suas vidas e lhes dê um sentido de «fermento» que torne «lêveda» a sociedade que constituem.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

FAMÍLIA POBRE — Agora, surgem problemas difíceis, complexos — e nem sempre podemos dar-lhes saída!

As nossas mãos chega o caso complicado duma família desatada, já dividida...

O tribunal obriga o casal a pagar rendas em atraso ao senhorio. Mas..., o homem anda por lá.

Vamos analisar a questão e decidir o caminho mais certo, a seguir.

Obviamente, a Família sofre as consequências do tempo — a todos os níveis...!

PARTILHA — Da assinante 61455, do Porto, um cheque para «aquela viúva que passa dificuldades, um doloroso calvário com o filho doente. Este caso tocou-me particularmente porque também sofro de doença grave».

Outro cheque, da assinante 15291, de Ponta Delgada, para as necessidades duma criança doente dos olhotos e outras carências mais; tendo a oferente o cuidado de juntar, à

carta, um recorte da nossa lavra.

«Por graça recebida», mil escudos da assinante 7769, residente na Rua Vitorino Nemésio — Porto.

O bom amigo e assinante 7217, também do Porto, recomenda: o que sobrar das contas com O GAIATO «será para a vossa Conferência Vicentina». Retribuímos o «abraço de amizade».

Doente há trinta e dois anos, o assinante 21903 manda oito contos «para os irmãos mais pobres. Peço a Jesus que me dê resignação para esta privação de saúde». Qual pilar para sua fé amadurecida!

Mais três mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais envergonhados». Temos alguns, sim senhor! Óbolo partilhado com silêncio e discreção.

Agora, dez mil, do assinante 62942, do Porto, que «pede desculpa do atraso em relação ao Natal». Todos os dias são Natal...!

Outra vez Porto. E, por que não? — Viva o Porto! A assinante 62325, da Rua da Constituição, põe contas do nosso O GAIATO em ordem e, «se alguma importância sobrar, será para os vossos Pobres, sufragando a alma duma colega». Invocação direitinha ao Céu!

Mais uma anónima, assinante 23778, da Serra da

Estrela, ponto mais alto de Portugal, com discreta oferta.

Fecha a procissão a «avó dos cinco netinhos», de Setúbal, «com carinho, amizade, e pequena lembrança deste Janeiro muito frio para os mais necessitados».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

REUNIÃO-CONVÍVIO — Conforme se anunciara, a primeira reunião-convívio — de carácter geral — será no próximo dia 29 de Março (domingo), intentando congregando todos os associados e familiares e com a finalidade de proporcionar um dia de agradável encontro fraternal.

Para o efeito foram solicitadas, e amavelmente cedidas pelos nossos Padres, as instalações da Casa de Férias de Azurara (Vila do Conde), que todos conhecemos, onde estaremos à vontade para estreitarmos os laços que unem esta numerosa família.

A concentração será a partir das 10 horas, podendo os associados que não possuam transporte próprio comparecer no Lar, à Rua D. João IV, entre as 9 e as 9,30 horas, onde haverá alguém que se prontificará a conceder «boleia».

O almoço há-de ser aquele que quisermos preparar. Temos instalações. Providenciaremos o essencial para uma refeição «à gaiato», a ser confeccionada pelo(a)s mais experientes. Mais aquilo que tenhas por bem apresentar (frutas, bolos, etc.).

O tempo passar-se-á em amena cavaqueira, com oportunidade para discutir sobre os fins da Associação, o seu passado e o que pretendemos para o futuro. Os nossos filhos e netos têm espaço para brincar e, se o tempo ajudar, para um passeio na praia e até um mergulho no mar.

Não deixes de estar. Traz contigo a família. Junta-te aos companheiros e revê o teu passado. Prepara-te para dar as mãos a quem tanto precisa da tua amizade ou, se for caso disso, para a receberes.

José Eduardo

PAÇO DE SOUSA

CONTENTOR — Lá foi mais um para a Casa do Gaiato de Malanje, Angola, com mercadorias necessárias ao dia-a-dia. Peças de carros — que se estragam muito nas picadas; nova maquinaria, etc.



O Benjamim e a Margarida casaram, e residem, em Miranda do Douro.

Arnaldo Santos

SALÃO — Na emissão do Directo da Rádio Renascença, o nosso salão ainda não estava em ordem. Agora, sim, não falta nada! Só grupos de espetáculos...

PADRE MANUEL — Está em Portugal, de férias, em nossa Casa de Paço de Sousa.

Com muita amizade o recebemos. Ficou por Benguela o nosso Padre Carlos.

VISITAS DE ESTUDO — Começam a vir a nossa Casa, como todos os anos, por este tempo. Somos visitados por alunos de Escolas médias e superiores. E convivemos com eles e elas, o que é agradável para conseguirmos novos Amigos.

SOL — Voltou a aparecer o astro-rei, em nossa Aldeia. Voltou a alegria aos seres vivos da nossa quinta.

Agora, temos mais tempo para andar na rua sem nos constiparmos.

Rui Manuel

TOJAL

PALÁCIO — Já foram iniciadas as obras da parte central do edifício. Desejamos que, depois de tudo terminado, fique tão bonito como o que já foi reconstruído.

JARDINS — Os nossos rapazes trabalharam muito para embelezar a Casa. Esperamos que o jardim plantado se desenvolva com a ajudinha da Primavera que se encontra à porta.

FESTAS — Os ensaios têm avançado. Também não nos

podemos descuidar porque o tempo corre depressa e as Festas começam a 19 de Abril; mas ainda não sabemos os locais onde vamos representar nem as respectivas datas.

PASSEIO — No passado domingo, 15 de Fevereiro, os «Batatinhas» foram passear a Sintra, visitando o Museu do Brinquedo. Foi assim dada oportunidade aos pequenos para saberem que o brinquedo não foi, em todos os tempos, a bola de borracha ou o carro de plástico agora produzido em série e mais tarde vendido por uma pechincha. Mas, em tempos remotos, foi algo muito estimado.

CONTENTOR — Foi enviado mais um para Malanje. Não de nossa Casa, mas demos toda a contribuição possível porque sabemos que, apesar deles estarem lá longe e terem cor de pele diferente, são pessoas, e não só — somos uma família.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Um subtítulo do livro de Pai Américo O Barredo, afirma: «A Humanidade não é ainda matéria falida». Ai de nós, os pobres, se assim não fosse. Prova-o a prontidão dos nossos Leitores quando apresentamos um caso mais alarmante. As lágrimas de uma mãe que chora vendo o seu filho que morre à fome porque não tem que pôr na panela; as lágrimas de um marido que vê faltar-lhe a companheira porque não tem dinheiro para comprar os medicamentos na farmácia; e tantos outros casos.

Não fora esta afirmação que Pai Américo realça, a nossa Conferência já não existiria. Porque são precisamente estes casos que nos obrigam a ir em seu socorro e a denunciá-los ao mundo. Para que este abra os olhos e possa ver que, apesar de tanta abundância que dizem haver, ainda há quem passe necessidades que, escondidas, ninguém dá fé delas.

Na última reunião, o casal encarregado das contas alertou, mais uma vez, que terminámos o ano com um saldo negativo. Isto é, gastámos mais do que recebemos.

É verdade o que Pai Américo afirma; está certo. Mas o que nos parece, é que essa mesma Humanidade está a entrar no adormecimento do «bem fazer».

Parece que nos andamos a preocupar mais com o dia de amanhã, esquecendo o que disse o Senhor: «Olhai as aves do Céu...»

O Senhor vela por nós, e é por isso que Ele não deixa que a nossa Conferência acabe por falta de fundos.

Não fazemos orçamentos no princípio do ano, para ver o que podemos fazer durante esse ano. Mas, no fim do mesmo, queremos saber até aonde fomos. E se acontece, como nós tem sucedido, ficamos felizes porque os nossos fins foram atingidos, sem que para isso nos tenhamos preocupado com os meios, ou se o orçamento dá ou não dá.

Mais uma vez damos razão a Pai Américo quando escreve, também n'O Barredo: «Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres». É realmente graças a estes que a nossa Conferência, apesar dos saldos negativos, continuará a ir em socorro dos que precisam. Embora em silêncio, vão sofrendo as maiores necessidades. Continuará também a denunciar os casos mais gritantes, que às vezes o mundo manda ignorar.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Neste saber repartir o pão, começamos com a nossa amiguinha Maria Adelaide, de Vila Nova de Gaia, que envia cheque de 20.000\$00, preocupada com a situação dum caso por nós descrito n'O GAIATO. É esta a paixão da assinante 17991 do nosso «Famoso», de Cantanhede, com um cheque de 25.000\$00 e compromete-se todos os meses a estar presente com a mesma importância. Pois que o divino Espírito Santo continue a iluminá-la e lhe dê muita saúde. Da assinante 26040, cheque de 20.000\$00. Mais 1.000\$00 de Helena Gomes. De I. R. S., 20.000\$00. De alguém que tem o coração a arder, mas que não quer que se saiba quem, 100.000\$00. Outro tanto, de Manuel da Silva Paiva, do Porto. Vale do correio com 5.000\$00, de Maria Resende.

A todos, muito obrigado. E o Pai Américo interceda por vós, junto do Senhor Nosso Deus.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

PENSAMENTO

O pão é a base de toda a justiça e de todo o amor. O Mestre começou a sua vida de apostolado por dar pão e depois fez tais amigos que deram naquele tempo e dão hoje a vida por Ele.

PAI AMÉRICO

RETALHOS DE VIDA

David



Eu sou o David Eduardo dos Santos e Silva, nasci no dia 23 de Fevereiro de 1956, em Ambaca (Angola), província de N'Dalatando.

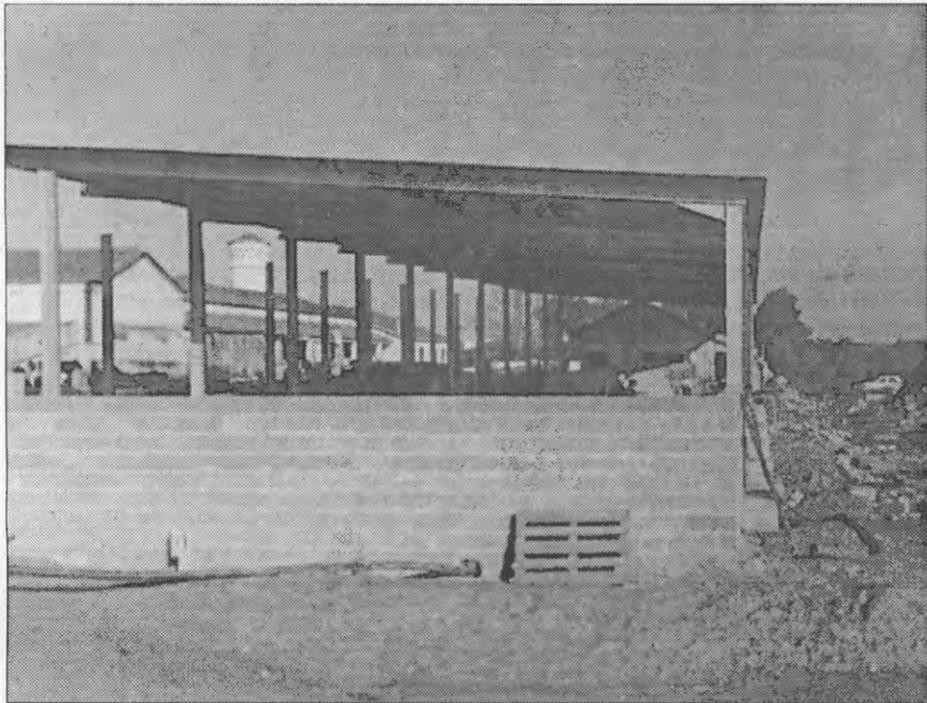
Sou um subproduto da guerra colonial. Em 1961, no início da guerra, perdi os meus pais. Por conseguinte, em 1968 vim para a Casa do Gaiato de Benguela, depois de uma passagem pelo então «Abrigo dos Pequeninhas», pertencente ao ex-IASA (Instituto de Assistência Social de Angola) em Salazar, hoje N'Dalatando.

Na Casa do Gaiato de Benguela fiz-me homem. Sempre tive bom aproveitamento nos estudos. Por isso, o nosso Padre Manuel António apostou em mim. Acabei por licenciar-me em Química pela Universidade Agostinho Neto (Angola), em 1987. A última parte da minha formação (85-87) foi feita em Portugal, na Universidade de Lisboa. Neste período, tive sempre o apoio da Casa do Gaiato.

Como docente e chefe do Departamento de Química da Faculdade de Ciências da Universidade Agostinho Neto, em 1995, beneficieei de uma bolsa de estudos e, actualmente, encontro-me a fazer a minha Pós-Graduação (Doutoramento) no Centro de Electroquímica e Cinética da Universidade de Lisboa. Devo sublinhar que continuo a contar com o apoio da Casa do Gaiato.

Em 1976, já no pós-Independência, na qualidade de chefe-maioral, assistí, com bastante pesar, à nacionalização da Casa do Gaiato de Benguela. Era a Revolução! O Estado transformou-a em Escola Provisória!...

David Eduardo



Outra perspectiva da nova vacaria

SETÚBAL

AS fugas, entre os rapazes da nossa Casa, são um acontecimento natural mas sempre anómalo. Corresponde ao desafio feito ao rapaz da rua, na oferta amorosa de um lar sem permissividade corrosiva mas que é uma porta aberta.

Uma família para fazer deles pessoas de bem, com a exigência mínima: escola, hábitos de higiene, trabalho, autodomínio, honestidade e carácter.

Quem pensa que este objectivo se consegue subvertendo a seriedade familiar por um ambiente libertino fácil, semelhante ao da rua, ou nunca educou ninguém e vive dum sonho mítico ou é desonesto. A experiência prova-o à saciedade.

São variadas as causas da fuga. Algumas mesmo indecifráveis.

Não há psicólogo sério que possa afirmar, em determinados casos, que fulano foge por esta razão concreta. Podem aventar uma hipótese. Nunca uma certeza. As explicações radicam-se sempre na instabilidade afectiva com que foram gerados ou criados nos primeiros anos ou no abandono ao furacão da rua.

O Paulo Jorge apareceu, há dias, com a mulher e dois filhos, cheio de saudades. Conversámos um bocado.

Senti a ansiedade do homem em comunicar-me que a sua vida ia bem *materialmente*, sublinhou, e que a do seu irmão com ele, aqui criados, ainda corria melhor.

Gostei de saber.

Moram na linha de Cascais, donde são oriundos, e, por lá, desenvolvem a sua actividade profissional.

O que semeamos no coração e na consciência dos rapazes *nunca* é vão. Pode, às vezes, parecer que se perdeu, mas não. É capaz de hibernar durante muito tempo, mas, na devida altura, emerge com o vigor irreprimível da boa semente.

— *Sabe porque fugi?*

— Não. Nem imagino. Estavas no 12.º ano, ... frequentavas um curso de informática. Tinha-te dado um computador, aberto uma conta no Banco. Sei lá!...

— *Tenho-me arrependido tanto!*...

— *Apostei com o «Gata»* — outro que é um verdadeiro homem e vive para os lados de Torres Vedras — *como era capaz de fugir. E pronto... Coisas de rapazes* — rematou.

Passados meses, após o doloroso acontecimento, escreveu-me a pedir que lhe perdoasse e lhe escrevesse. Não escrevi. O rapaz sofreu. Eu também. Naquela tarde

cinzenta e fria o nosso olhar cruzou-se, de novo, em aleluias de reencontro; mesmo sem sol, ficámos cheios de luz.

O «Orelhas» que morava aqui, em Setúbal, no Bairro da Bela Vista, tem fugido inúmeras vezes e regressado das mais variadas formas.

É uma criança fisicamente débil, mas robusta do foro psicológico.

Leva atrás de si os que ele entende, usando um domínio surpreendente sobre os outros e arrastando-os como o vento forte, às folhas secas, no fim do Outono.

Tem doze anos e frequenta a terceira-classe. Goza de uma inteligência mediana, mas é perspicaz na auto-defesa.

Mais uma vez o chamei a sós para falar-mos.

Nem ele sabe porque foge. Inventa motivos e quando eles caem, sem alicerce, arranja outros.

Fita-me furtivamente, de olhos fundos e nariz afilado, obrigando-me a mergulhar no mistério; e transmite-me, sem dar por isso, a paixão de lhe inculir coragem e o amor ainda mais.

— És meu amigo?

— *Sou* — respondeu imediatamente.

Tem trazido tanta instabilidade aos rapazes que, quase me leva ao desânimo sobre si próprio, e o seu futuro, levando-me a desejar inconscientemente que não volte.

O irmão mais novo é a vítima mais atingida da sua sedução.

Ajudados pela mãe, que na presença dos filhos, nos acusa das coisas que ouve ou imagina e eles fantasiam para se desculpar; criam-me dificuldades inultrapassáveis para os educar, impelindo-me à contemplação do *Homem das Dores*.

O «Palhaço», outro fugitivo, agora menos errante, foi apanhado, pelos seguranças, no Jumbo, a roubar, aproveitando dois «furos» na escola.

É esperto este rapaz. Deu aos homens um nome falso, mas os seguranças têm mais tarimba do que ele e obrigaram-no a identificar-se, dando-nos conhecimento.

Mais uma meditação, em diálogo, no segredo, com ele.

Mais uma injeção de coragem para que se volte para o estudo e a vida séria — fugindo da mentira e do roubo.

Que as lágrimas do Bruno não tenham sido de crocodilo, mas que aproveite mais esta lição que a vida lhe dá.

Fico à espera.

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

Atenção dispensada às crianças

PONDO de parte o capricho próprio da idade — também educável — é comum dizer-se que uma criança tem sempre razão. Não a razão abstracta, de conceitos elaborados, mas aquela que emerge da sua condição de dependência e grande fragilidade.

Há dias, estive na moradia de um casal relativamente novo. Ambos funcionários públicos no sector das Finanças. Têm casa própria. Três filhos. Estes gozam, visivelmente, de um ambiente de ternura e paz que ambos equilibradamente proporcionam. À noite, os miúdos falam até o sono espreitar. Deitam tudo cá para fora! Até o mais *inconveniente* — sedimentado ao longo do

dia no inconsciente incontra-lável — surge com alguma surpresa o desconcerto.

Num destes serões, uma das *inconveniências* dos pequenitos saltou casa fora: — *Ó mãe, porque é que tu não és doméstica?! A mãe que não parava de um lado para o outro, como faz diariamente depois do quebra-cabeça dos computadores e dos cifrões, ficou paralisada e triste. Quis saber. E, a resposta pronta como seta em alvo certo — o coração: — Tu não me dás atenção...! Quase discordaria do pequeno. Mas a minha razão é condicionada por tantas outras que ele ainda não deve entender. A mãe parou. Sentou-se e tentou explicar. O pai ia ajuntando «vírgulas» que tornassem*

tudo mais entendível. O miúdo entre os dois acabou por cair no sono e no regaço de ambos, feliz. Jogo do pequeno para merecer alguma atenção a mais? Mas toda a atenção dispensada a uma criança, não é ela um dos maiores investimentos sociais? Quantas prisões se não haveriam de fechar! O miúdo não é político nem sociólogo, mas põs o dedo na ferida com absoluta razão, por ele próprio ser uma potencial vítima ou já mesmo padecente. E venham lá as teorias e outras razões donde vierem. Foi o colo que o levou ao sono e ao sonho. Permita Deus, não tenham adormecido estes pais em falsas culpabilidades.

Padre João

Cantinho das Senhoras

Ao Barros e ao Daniel na hora da partida:

Soube que, dentro de dias, os dois partirão para Angola a fim de trabalharem em nossa Casa do Gaiato de Malanje. Um como electricista, o outro como carpinteiro. Gostaria de vos deixar uma pequena mensagem.

Desejo-vos uma boa viagem e as maiores felicidades. Creio que vão ser recebidos em nossa Casa do Gaiato de Malanje com muita alegria, carinho, paz e convivência fraterna.

O verdadeiro caminho da felicidade é o caminho da doação da nossa vida. O tempo que vivi com os gaiatos foi o tempo mais feliz da minha vida. Tenho muitas saudades e tenho pena de não poder continuar a servi-los. Hoje, a única coisa em que lhes posso ser útil é pedir a Deus por eles. Faço-o com muito amor. Também rezarei por vós, agora, de uma maneira especial.

É grande a minha alegria quando vos vejo felizes e a seguir nos bons caminhos. Não se esqueçam que temos de viver como cristãos na prática do bem, nas boas obras e no amor para com todos. Só neste ideal se encontra a verdadeira felicidade. Como cristãos, não esqueçam a oração. Ela faz parte da nossa vida. Sem ela falhamos, perdemos o contacto com Deus que nos ama e quer que O procuremos. Jesus diz: «Sem Mim nada podeis».

Vós tendes sido rapazes que lutaram na Casa do Gaiato de Lisboa, onde estivemos juntos e vocês ainda estão. Fizeram os vossos cursos profissionais. Estais preparados para a vida. Continuai com bom comportamento e Deus vos abençoará.

Dêem por mim um abraço ao Padre Telmo e a todos os rapazes com muito carinho; e digam-lhes que, embora não os conheça, também rezo por eles. Quanto me lembro do Padre Telmo e da falta que fazem as senhoras na Obra da Rua...! Como vai a saúde dele? Creio que, agora, está uma senhora na Casa do Gaiato de Malanje. Um beijo para ela.

Um grande abraço para vocês os dois. Vi-vos crescer. Vejo-vos partir. E desejo que continuem a crescer como homens.

Helena Figueira

Património dos Pobres

Continuação da página 1

trabalham todos os dias úteis longe de sua casa e só têm os fins-de-semana, um nadinha livres, para os filhos e para os Pobres. Procuram inquietar a Câmara e outros com obrigação de ajudar. Fomos com eles visitar estas famílias. Meu Deus e Senhor!... O que os nossos olhos viram! O que os nossos ouvidos ouviram! O que os nossos narizes cheiraram!

O primeiro casal é muito simpático. Procuram aceitar os filhos mesmo que sejam doentes. Ele é pedreiro — e *«sou também bombeiro»*, disse. Ela cuida dos filhos e olha pelo quintal. A mais pequenina, com alguns meses, estava sorridente no seu resguardo. Os meninos sorriam com a nossa visita.

O pai é pedreiro e já começou a levantar paredes. *«Tive de parar. Só sou eu a ganhar e somos seis à mesa. Os remédios são muito caros. Se me ajudarem, eu vou fazendo.»* Todos olhavam para nós com cara de esperança. Não podemos fechar-nos em nossos casulos.

Por um caminhar rodeado de silvas chegámos à beira doutro casal. A construção é muito pobre e clandestina. Não têm água nem luz nem esperança de a virem a ter. Lá vivem e procuram algumas condições de vida. Lutam.

Seguimos. E, por muitas ruelas, chegámos à última construção. O chefe de família é muito enxuto de carne e só se move com o auxílio de duas canadianas. Sente sempre muito frio e não é capaz de fazer nada. A casa é muito fria e húmida. *«Até me faz mal estar lá dentro! Entra água por todos os lados e o quarto de banho faz-nos muita falta.»* Saímos de lá mais inquietos.

Padre Ilário

BENGUELA

Mulheres heróicas

A vida é um combate. Quem está metido na luta desgasta-se e precisa de recuperar forças. O que há de mais triste na vida duma pessoa é perder a vida, em vão. É gastá-la, em vão.

Estou a lembrar-me, neste momento, de tantas mães desta terra, que tomam conta de filhos que não vieram do seu sangue e perderam os familiares durante a guerra. A vida destas mulheres é um verdadeiro combate. Quem o nega? Lutam para manter os seus e lutam mais para dar o seu sangue aos

que entram no seu lar. Mulheres heróicas, escondidas dos noticiários, que devem ser postas sobre o candelabro para que todos as vejam.

Nem sempre é a Fé que anima estas mulheres, pois não a receberam ainda. É, sim, a força contida na natureza humana que jorra do Princípio, donde vem toda a vida. É que a vida foi e é dada a todos. Ninguém tem o direito de tirar a vida, nem, tão pouco, de ficar indiferente quando ela está em risco. Aquelas mães, de que falo acima,

têm vida e dão vida. Assim é que é! Mulheres fortes! Destas é que o mundo precisa.

Ao escrever estas notas no escritório da tipografia da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, aonde vim repousar por algum tempo, encontro uma senhora, professora universitária, que vem entregar uma oferta para África. Que coincidência! Um bocadinho d'África estava diante dela. Vi a alegria desta mulher em partilhar o que tem para que outros tenham vida. Liguei esta universitária à multidão de mulheres de Benguela e de Angola inteira, analfabetas, unidas porém, pelos laços de amor. É na partilha que se cumpre a justiça e se vive a Caridade. É no dar as mãos, com alegria, como quem cumpre um dever, que ajudamos a levantar os caídos. Vi isto mesmo no rosto da senhora universitária que veio até nós. E quando, ao despedir-se, agradece o que a Obra da Rua está a fazer em África, respondi, prontamente: — Graças à ajuda que nos tem sido dada pelos Amigos que nos acompanham.

E é verdade. Ficaríamos também prostrados no caminho, sem a vossa mão. Por isso, afirmamos, com a verdade colhida da experiência, que é pelo exercício da fraternidade que o mundo se levanta e deixa de ser selvagem, como muitas vezes o é.

Viver com as mãos cheias e repartir é um ideal muito sedutor, mas muito exigente também. Recordo-me das vezes que vou visitar algumas famílias nos bairros. A sua gratidão traduz-se, normalmente, na oferta de algo que faz parte da sua vida: uma galinha, um cabrito... É um gesto aparentemente insignificante, mas rico de conteúdo. Primeiro, não podemos recusar, pois seria uma falta grave de delicadeza. E ficariam muito tristes. Depois, é a partilha de algo da sua vida. São valores muito elevados a apontar-nos a Fonte aonde devemos ir beber. Fazer circular o amor, como nestes gestos, é missão de todos nós. Como o mundo seria mais humano!

Padre Manuel António

Calvário

Continuação da página 1

Parece-lhe que tem de ser mesmo assim.

Só o homem, quando dá, espera normalmente retribuição da sua oferta. Há um jogo subtil no dar humano.

A gratuidade é um dom do Espírito que nos faz ver que tudo nos foi concedido por Deus. Nós, na verdade, não possuímos nada de nosso. Só o dar é que é nosso. Só o dar! Participar no gesto de dar é um dom de Deus.

«Dai de graça o que de graça recebestes.» Este apelo original de Cristo é

um convite à verdade nas nossas relações humanas, porque, quando damos, aguardando recompensa, não damos verdadeiramente: compramos, de certo modo, aquele que nos agradece.

A gratuidade é sinal de grande liberdade interior. Quando esta repousa em nós, a recompensa e a alegria advêm do partilhar simplesmente e não da paga. Mas quão poucos gozam de liberdade interior! E, por isso, não dão desinteressadamente e muito menos se dão a si mesmos.

Termino os preparativos que iniciara. O sr. Adão está

pronto a partir. O Carlos foi meu ajudante. Pego num pacote de rebuçados e peço-lhe que os distribua. Ele todo contente corre para os companheiros. Vai feliz por ser ele a dar. A alegria dele está no repartir.

A gratuidade é escola de crescimento humano. Aquele que dá gratuitamente, cresce, multiplica-se. Tal como na natureza vai naquilo que dá. Ao invés, quem dá e fica esperando algo não cresce. Volta a ficar com a dádiva, porque recompensa é de certo modo o retorno daquilo que damos.

Só Deus sabe dar de maneira verdadeiramente gratuita, porque só Ele é Grande e nós pequeninos e tacanhos.

Padre Baptista

PASSO A PASSO

Tempo de preparação

EIS-NOS na Quaresma. O tempo de preparação por excelência porque átrio de purificação para a entrada no templo. Trata-se de preparar o corpo, a alma e o espírito para que sejam revestidos do homem novo. De despir as vestes sujas do homem velho antes de chegar ao Altar da Cruz onde se recebe a veste nova dos justos. Pela obra do Justo se justificam os injustos.

É um tempo apeteçido e desejado. Chegado o seu termo, fica sempre a esperança e a necessidade de que nova oportunidade surja. É que fica quase tudo por fazer! E quantas vezes é Quaresma longe deste tempo litúrgico? E como são bem maiores os frutos alcançados fora da época!? A nós cabe-nos pôr e a Deus dispor.

«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma...» Clama João o Baptista no deserto da vida dos homens. É um convite à libertação. Mas a materialização deste gesto não deve

servir só para aliviar de usados os baús e continuar de coração prisioneiro das coisas do mundo. De contrário, logo de seguida, irão carregar das lojas e hipermercados os males da sua escravidão.

E proclamar uma palavra nova. É que os homens têm a vida como sua e não como um dom que lhes é ofertado — «Reparte a tua vida com os que não têm modo de viver...».

Partilhar a vida é muito mais que partilhar as coisas. Ficamos mais perto do gesto de Cristo. Sinal de que temos mais amor.

O amor maior não inválida o menos amor, antes fica mais pleno. Crescer para o amor maior à semelhança do Amor pleno que é a Pessoa de Jesus Cristo. O Homem-Deus que procuramos alcançar e que nos atrai por Sua bondade.

«Não vos preocupeis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer; nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir...». Deixamo-nos abalar pelas

forças da natureza e não damos a vida gratuitamente como de graça a recebemos.

Dar, nós não sabemos. Emprestar, ainda podemos pensar. Mas despojarmos-nos do que somos para nós e para os Outros!? Ainda se ao menos nos fosse dado sondar as riquezas prometidas! — Olha Moisés, o condutor do Povo de Deus. Unicamente viu ao longe a Terra Prometida, não entrou nela. Espera e alcançarás. Espera, caminhando neste deserto que a sombra de Deus te conduzirá e te protegerá. Assim fez o Seu povo.

É tempo de Quaresma e tempo de Pentecostes. A Quaresma não acontece sem amor. É em tempo de Pentecostes que se derramam sobre os homens, sobre a Igreja, os dons do amor.

E só o amor nos pode levar a dizer — «Recebe do que é meu...».

Prepara-te no átrio antes de te aproximares do Altar. Um dia serás chamado a entrar.

Padre Júlio

DOCTRINA

O Filho do Homem chama as crianças e os filhos dos homens não querem saber.



esmolas para poder viver, mas não se encontra quem o queira sustentar e educar, nem em Elvas há estabelecimentos de protecção para rapazes pobres» — dizem-me.

DA mesma procedência, espera-se a toda a hora, na Casa do Gaiato, a chegada de um pequeno que anda a mendigar pelos montes na companhia da avó e tem na cadeia, por ladrões, os parentes mais chegados: «Aceite-mo, meu senhor, para que este menino não venha a ser na mesma».

SENHORES do Alentejo, homens da imensidade! Imensidade de trigos, imensidade de cortiças, imensidade de porcos, herdades que a vista não abrange, dinheiros que os Bancos recusam, abarrotados, deixais os vossos pequeninos nas ruas e nos montes — outra Imensidade! Não. É que nunca pensastes a valer no destino da Criança abandonada!

ORGANIZAI por vossas mãos, uma réplica à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Se ela lá estivesse, o meu Pepe, fugitivo de Badajoz, não teria de palmilhar tantas léguas e sofrer tantos trabalhos até entrar no que é seu; não. Teria casa, igualmente dele, pertinho da que foi sua!

E agora, que falo no Pepe, queres ouvir como a gente, sem querer, chora ao pé dele? O Freitas disse-lhe muito contente: — Sabes?, vou passar o Natal a casa. — Quê, que é o Natal? O companheiro tenta explicar por palavras suas. — Ah, eu andava sempre pelos caminhos; não sabia de festas nem de domingos nem do Natal! Gastou cinco anos de Elvas até à Casa dele. Tenho chorado tantas vezes, sem querer, junto deste rapaz duplamente simpático, quando ele conta, descuidadamente, os passos da sua vida — tantas!

O. Amín. 5!